

ESTABELECENDO A TIPOLOGIA DOS PRODUTORES DE FUMO: Município de Canguçu, Rio Grande do Sul, Brasil

Éder Jardel da Silva Dutra*

Luiz Fernando Mazzini Fontoura**

Resumo

O presente artigo dá conta das especificidades da fumicultura no Município de Canguçu, Rio Grande do Sul, Brasil. Adotou-se como área de estudo o 1º e 2º distritos de Canguçu e o recorte temporal estabelecido, enfocou os últimos 30 anos, período no qual o cultivo do fumo tornou-se importante. Para tal se identifica cinco distintos tipos de produtores. Nesse mesmo contexto, evoca-se a fala dos produtores como uma das formas de demonstrar as variáveis em curso. Ainda, projeta-se o futuro da fumicultura e das unidades familiares de produção, e as consequentes derivações inerentes à intensificação da relação cidade-campo.

Palavras-chave: Canguçu; Produtores de Fumo; Tipificação.

Abstract

The present article gives account of the specificities of tobacco farming in the Municipality of Canguçu, Rio Grande do Sul, Brazil. It was adopted as study area the 1st and 2nd districts of Canguçu and the time frame established focused on the last 30 years, period during which tobacco farming became important. In order to do so, we identify five different types of producers. In this same context, it is evocated the speech of the producers as a way to show the variables analyzed. Yet, it is projected the future of tobacco farming and of the production

* Bolsista da Capes, Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Correio eletrônico: ej.dutra@bol.com.br

** Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia (Pósgea), UFRGS. Correio eletrônico: luiz.fontoura@terra.com.br



family units, and the subsequent derivations inherent to the intensification of the relation city-countryside.

Keywords: Canguçu; Tobaccoproducers; Typification.

Introdução

Estudiosos do rural, afirmam que, mesmo em universos restritos de produtores rurais, existe enorme diversidade. É o caso dos produtores de fumo, dentre os quais se verificaram distintas formas de produção, adoção de tecnologias e integração, entre outros aspectos. Desse modo estabeleceu-se a tipificação dos produtores de fumo na área pré-estabelecida. Pelas características específicas da pesquisa, a abordagem constituiu-se em estudo de caso, com aplicação da metodologia qualitativa. Para a realização da pesquisa, as 15 entrevistas junto aos produtores pré-selecionados cumpriu o princípio da saturação da amostra.

As investigações de campo permitiram identificar cinco tipos de produtores, quais sejam, a saber: (i) com larga trajetória na atividade (antigos ou tradicionais); (ii) que ingressaram na fumicultura a partir do ano 2000 (novos); (iii) reconvertidos (oriundos de outros cultivos); (iv) que não estão vinculados às empresas fumageiras; e, por fim, (v) orgânicos.

As diferenças entre os cinco grupos de produtores revelaram-se bastante significativas, entre as quais estão aspectos como a ampliação da produção, grau de modernização e tecnologias aplicadas, bem como perspectivas de permanência do produtor e sua família no meio rural. Observa-se um novo momento dos processos de integração, em que existe maior especialização produtiva e seletividade de produtores, onde a indústria cumpre papel central na indução do processo.

Os horizontes possíveis para essa importante atividade econômica, que é a fumicultura, apontam para a consolidação do Município de Canguçu e região como um novo polo produtor de tabaco, onde se articulam e ampliam-se as relações campo-cidade, através do aumento do consumo e da adoção do modo de vida citadino. Destaca-se, por fim, que a expansão da fumicultura em Canguçu é um processo em amplo desenvolvimento, reflexo de um novo momento na relação de integração produtor-indústria.

O presente trabalho, para tal, está dividido em quatro partes: (i) introdução; (ii) metodologia; (iii) desenvolvimento; e (iv) considerações finais. Na introdução descreve-se a

interação campo-cidade, propiciada pela fumicultura no Município de Canguçu com foco nos 1º e 2º distritos, e a intrínseca relação que a intensificação dessa dinâmica provoca no meio urbano. Na metodologia, destaca-se o método de amostragem empregado nas entrevistas, bem como se enfoca a caracterização da área de estudo. No desenvolvimento, por sua vez, aborda-se a dinâmica capitalista na agricultura. Ressaltam-se, ainda, os números relativos à produção de fumo e especialmente os dados relativos à Canguçu. Caracterizam-se os produtores de fumo e se estabelecem as cinco diferentes tipologias, como um reflexo das dinâmicas das interações que se desenvolvem no campo. Para explicar os métodos empregados na realização do trabalho é que segue o próximo capítulo.

1. Metodologia

Dada à natureza peculiar da pesquisa, adotamos o questionário semiestruturado, com questões abertas¹, aplicado a um número pré-determinado de fumicultores, de modo que atingimos a saturação da amostra. Para tal entrevistamos 15 produtores de fumo no primeiro e segundo distritos do município.

Almeida (1989), com base em Kerlinger (1966), explicita que a população ou universo é “[...] definido como todos os membros de um conjunto bem delimitado de pessoas, eventos ou objetos. A população pode ser a população real ou um subgrupo dentro da população”.

Ainda nesse quesito Almeida (1989), quando evoca a amostra intencional, explica que esta consiste “[...] em selecionar um grupo de elementos considerados típicos, em função das variáveis estudadas”.

A realização de uma pesquisa exige o dimensionamento da amostra e o tipo de amostragem a ser utilizado, fundamentalmente, quando se evoca o ângulo qualitativo da análise. É preciso ter em conta o que destacam Deslauriers e Kerisit (2008), ao afirmar que, “[...] contrariamente ao que certos pesquisadores pensam, a pesquisa qualitativa também recorre à amostra”.

Pires (2008, p. 154-155), ao referir-se ao universo de amostra, diz que:

¹ “A experiência também mostra que a entrevista aberta permite acompanhar o fio condutor do pensamento dos próprios agricultores, é capaz de revelar as informações qualitativas preciosas para o diagnóstico. Essas entrevistas são mais ricas se forem realizadas no campo - nas parcelas ou nas instalações do produtor [...]” (GARCIA FILHO, 1997).



A palavra “amostra” pode conter uma dupla significação. No sentido estrito ou operacional, ela designa exclusivamente o resultado de um procedimento visando extrair uma parte de um todo bem determinado; no sentido amplo, ela designa o resultado de qualquer operação visando constituir o corpus empírico de uma pesquisa. É no âmbito desse segundo sentido que se deve entender aqui a referida palavra. Assim compreendida, a noção de amostra concerne tanto às grandes investigações por questionário quanto as pesquisas referidas a um único indivíduo. [...] As estratégias de amostragem são, então, portadoras de uma parte razoavelmente grande de imprevisível.

O pesquisador tem papel central nessa relação que, de acordo com Pires (2008), “[...] consiste em saber tirar partido de seus dados: isto é, construir satisfatoriamente seu problema de pesquisa e sua análise, a partir dos dados que dispõe”.

Novamente ao buscar subsídios em Pires (2008) percebe-se que “[...] o objetivo da amostra consiste, portanto, em dar base a um conhecimento ou a um questionamento, que ultrapassa os limites das unidades e mesmo do universo de análise, servindo para produzi-lo”.

A aplicação da entrevista² composta por perguntas abertas – mas que evidentemente enfocam o universo da agricultura familiar, da produção de fumo, da sucessão e do sistema integrado de produção, entre outros pontos – atingiu a saturação da amostra. Para tal, o recorte espacial foi estabelecido no 1º e 2º distritos do Município de Canguçu. As entrevistas foram realizadas com número pré-determinado de fumicultores³, até atingir-se o ponto de saturação da amostra e, dessa forma, buscar o conjunto de variáveis que caracterizam a produção de fumo na área de estudo.

Tendo em vista a delimitação espacial da área de estudo é relevante que se destaque a divisão distrital do Município, conformada e atualizada de acordo com a Lei Municipal nº 2.967/2007, assinada pelo então Prefeito Cássio Luiz de Freitas Mota. Tal divisão é estruturada em cinco distritos.

Segundo a Secretaria Municipal de Planejamento, Meio Ambiente e Urbanismo (SMPU), a área do Município perfaz um total de 3.252 km². Ressalta-se que algumas localidades⁴ como Armada, Costa do Sapato e Coxilha do Vento distam mais de 80 quilômetros da sede, revelando as dimensões e a diversidade presente no Município de

² Para Goode e Hatt (1969, p. 237), a entrevista consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidedignidade e validade de um ato social, como a conversação. Trata-se, pois, de uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica, que proporciona ao entrevistador a informação necessária. Alguns autores consideram a entrevista como o instrumento por excelência da investigação social (MARCONI; LAKATOS, 1999, p. 95).

³ O tamanho da amostra é, pois, determinado, sobretudo, pela complexidade e pela diversidade da realidade estudada. Não se trabalha, portanto, com amostragens aleatórias, pois elas não asseguram, justamente por seu caráter intrínseco, a representação e a análise aprofundada de toda essa diversidade (GARCIA FILHO, 1997).

⁴ Conforme o dicionário da coordenação cartográfica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, “[...] localidade é uma categoria que define o espaço geográfico com alguma concentração humana” (IBGE, 2000).

Canguçu. Pelas especificidades da área de estudo e suas diferenças intrínsecas adotamos como recorte espacial o 1º e o 2º distritos, áreas onde há presença majoritária das unidades familiares de produção e o predomínio da produção de fumo. A figura 1 destaca a área de estudo e os demais distritos do Município de Canguçu.



Figura 1. Mapa da divisão distrital do município de Canguçu, área de estudo

Fonte: elaboração de Michele Barbosa da Silva Soares.

Como demonstra o mapa, o Município de Canguçu é composto por cinco distritos, sendo que o primeiro compreende a sede urbana. As diferenças entre os distritos se dão em vários aspectos, como povoamento e atividades econômicas desenvolvidas. O povoamento, por exemplo, não é homogêneo; há distritos que concentram boa parte da população, enquanto outros possuem menor população residente. O 1º e 2º distritos, por exemplo, são onde existe



o predomínio das unidades familiares de produção, com diversidade produtiva, mas, sobretudo, com presença maciça da fumicultura.

Dessa forma, o próximo capítulo visa a dar conta das dinâmicas modernas no campo e especialmente identificar as implicações da aplicação de capitais. Assim, identificam-se os cinco distintos tipos de produtores de fumo nos 1º e 2º distritos, obedecendo-se o recorte dos últimos 30 anos, período em que se intensificou a produção de fumo.

2. Desenvolvimento

De acordo com Abramovay (1992, p. 140):

A previsão de Marx de que a grande empresa capitalista se generalizaria na agricultura tanto quanto na indústria possui a virtude histórica. As formas de produção familiar existentes há seu tempo exprimiam sobrevivências de um passado que o desenvolvimento capitalista se encarregaria de remover [...].

Postulado importante é o evidenciado por Kautsky (1980, p. 27-28) ao elucidar que:

Sem dúvida alguma – e admitimos como provado – a agricultura não se desenvolve segundo o mesmo processo da indústria. Ela segue leis próprias. Mas isto absolutamente não quer dizer que a evolução da agricultura se coloque em oposição à da indústria e que ambas são inconciliáveis. Ao contrário, julgamo-nos com elementos para demonstrar que ambas tendem para o mesmo fim, uma vez que não as isolemos uma da outra, e as consideremos como partes de um mesmo progresso de conjunto.

A predominância das relações capitalistas de produção é algo inequívoco e não se pode ignorar o papel que o sistema integrado de produção cumpre na organização desse processo que tem consequências diretas no campo. É assim que Alves *et alli* (2005, p. 153) destacam:

A integração, nascida da forma empresarial busca seu desenvolvimento em regiões de predomínio da agricultura familiar [...], no entanto, esta inserção vem se modificando, porque as imposições tecnológicas chegaram a tal ponto que não é mais possível ser suportado pela agricultura familiar, aos poucos esta vai cedendo espaço ao modo empresarial de produção.

Quanto à operacionalização do sistema integrado, entende-se que:

O sistema de integração constitui uma estratégia adotada pelas grandes agroindústrias, que vem conquistando novos mercados, ampliando sua produção e conseqüentemente seus lucros. A integração com os agricultores garante produção com qualidade e baixos custos, pois a empresa não precisa comprar terras, ampliar contratação da mão-de-obra, nem se preocupar com questões trabalhistas (ALVES *et alli*, 2005, p. 145).

É notório no campo brasileiro o processo de interação entre ‘as empresas integradoras’ e setores da sociedade que compõem uma lógica peculiar, em que as políticas públicas são direcionadas para atender a setores específicos e interesses dos grupos econômicos. Em certos casos com dinheiro público, mas isso continua sendo visto como umas das formas de gerar emprego e renda. Algumas das razões para a defesa da atuação das empresas integradoras pode ser encontrada em Alves *et alli* (2005, p. 145), quais sejam:

i) *Uma relação íntima com o poder governamental*, que significa a fusão de interesses entre empresa e Estado, de modo que os interesses das empresas tornam-se políticas de Estado; ii) *Uma relação íntima com os órgãos de pesquisa* [...], as necessidades da empresa passam a constituírem-se em linhas de pesquisa das instituições, procedimento aceito com argumentos de interesse público, em nome do desenvolvimento social e dos mais pobres; e iii) *Desvalorização do trabalho*, frente ao aumento da produtividade e ao avanço da tecnologia.

A relação de integração produtor/indústria, ao contrário do que se possa vislumbrar, não é pacífica. São comuns e usuais processos de integração em que o produtor passa a ser submisso aos interesses da empresa, tendo que cumprir as regras estabelecidas. Acentua-se a relação de dependência e conflitos surgem a todo o momento, no caso do fumo especialmente com os preços praticados pela indústria.

[...] a relação das famílias com as empresas é regida por contratos de integração vertical que, se por um lado, asseguram a compra antecipada da produção, por outro, obrigam as primeiras à adoção de um pacote tecnológico: adubos, agrotóxicos e serviços (assistência técnica) que serão descontados ao final da safra. Mas os produtores são responsáveis pela secagem do fumo colhido a campo [...] sendo essa uma etapa das mais complexas face aos riscos que envolvem a qualidade da produção, a insalubridade da operação e a extensão das jornadas de trabalho (SACCO DOS ANJOS; CALDAS, 2009, p. 159).

No Brasil, a cadeia produtiva está organizada e sua vinculação com o mercado ocorre no plano internacional. É preciso salientar que a atividade da fumicultura sul-brasileira é operacionalizada por empresas multinacionais. Raros são os casos de indústrias locais ou empresas de pequeno porte na atividade e, quando existem, possuem escala de atuação limitada.

A contribuição de Fontoura (2009, p. 282) menciona que a produção agrícola realizada pelas propriedades familiares é especializada, dessa forma:

O campo passa a produzir um produto específico para um segmento específico de consumidor urbano, que se relaciona com seu imaginário, valores e até mesmo fetiches. De uma forma, ou de outra, por resistência ou alternativa ao capitalismo, ao se inserir no mercado, a relação campo-cidade garante a reprodução social capitalista contemporânea, flexível e globalizada. Sabe-se que não disputa com as grandes lavouras capitalistas modernas nem mercados, nem localização. Ao contrário busca espaços em branco deixados nos mercados e nas regiões onde a renda da terra é mais baixa, não isolada da informação e com a relação cidade-campo.

Quadro 1. Situação mundial da fumicultura (2011/2012)

Países	Produção (t)	Exportação (t)	Exportado (%)
África do Sul	15.700	1.000	6,36
Argentina	115.330	36.100	31,3
Brasil	745.360	651.190	87,36
China	2.229.920	0	0
Colômbia	11.010	3.100	28,15
Croácia	13.330	4.900	35,76
Estados Unidos da América	235.580	153.130	65,00
Índia	640.820	271.060	42,29
Itália	59.700	39.000	65,32
Malavi	79.250	71.500	90,22
Portugal	900	10,00	1,11
República Dominicana	10.030	9.000	87,38
Tanzânia	71.200	20.390	28,63
Zâmbia	40.000	40.000	100,00
Zimbábue	141.320	43.520	30,79
Outros	2.116.540	645.900	30,51

Fonte: Afubra, ITGA (2012).

O quadro 1, por exemplo, faz um apanhado geral da produção de fumo em nível mundial (em toneladas), ressaltando os principais países produtores e exportadores na safra 2011/2012. De modo geral, verifica-se que muitas nações produzem fumo, entretanto poucas concentram a produção mundial.

A China, embora seja o país líder em produção e consumo de tabaco, destina sua produção para atender às necessidades do mercado interno. Já o Brasil vem nos últimos 30 anos consolidando sua posição ao articular a escala local de produção em consonância com as exigências internacionais. As exportações brasileiras estão em constante crescimento em diferentes produtos agrícolas, como soja e fumo, e dessa forma são responsáveis pela estabilidade da balança de pagamentos. Em que pesem as críticas feitas aos problemas desencadeados pelo agronegócio, não podemos negar a influência que o setor agroexportador exerce no equilíbrio das contas externas.

Pode-se verificar que as necessidades de dólares para fazer frente ao desequilíbrio na balança de pagamentos tende a exigir maiores quantidades exportadas. Entretanto, as exportações nacionais se concentram em matérias-primas com baixo valor agregado, como é o caso do fumo. De uma maneira geral, pode entrever-se que o Brasil se consolida como um país agroexportador de matérias-primas, entretanto países como a China, que nos últimos anos tem sido um grande parceiro comercial, impõem certas condições para realizar a transação comercial.

Entre essas condições, está à aquisição por parte do Brasil de manufaturados, o que acaba de alguma forma por impactar a indústria nacional. O sucesso do agronegócio redundará em reduzir o parque industrial nacional e o ingresso em uma espiral de desindustrialização. Em razão disso, o governo brasileiro deverá impor medidas drásticas, que beneficiem a indústria local e possam permitir maior agregação de valor à produção.

Quadro 2. Evolução da fumicultura na região Sul do Brasil

Safra	Famílias Produtoras	Hectares plantados	Produção (t)
1979/1980	94.080	171.080	286.090
1989/1990	127.400	201.940	367.960
1999/2000	134.850	257.660	539.040
2000/2001	134.930	253.790	509.110
2001/2002	153.130	304.510	635.110
2002/2003	170.830	353.810	600.540
2003/2004	190.270	411.290	851.060
2004/2005	198.040	439.220	842.990
2005/2006	193.310	417.420	769.660
2006/2007	182.650	360.910	758.660
2007/2008	180.520	348.720	713.870
2009/2010	185.160	401.703	669.619
2010/2011	186.810	372.930	832.830
2011/2012	165.170	324.610	727.510
Média	164.082	331.256	650.289

Fonte: elaboração própria a partir de dados do SINDITABACO (2012).

Nos Estados do sul do Brasil (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) é elevado o número de famílias que têm como a sua principal fonte de renda a produção de fumo. Como mostra o quadro 2, a região Sul do Brasil possui considerável número de famílias produtoras. Destacam-se os dados para um período superior a trinta anos, ou seja, desde as safras 1979-1980 até 2011-2012, com destaque para as famílias envolvidas e dados propriamente da produção obtida.

Os dados postos apresentam fatos que *a priori* verificavam-se de modo empírico, ou seja, que a produção de tabaco tende a concentrar-se, sobretudo, nos estados do Sul do Brasil. Ao longo dos anos verificam-se aumentos na área plantada e produção total. Em safras como

a de 1979/80 eram 171.080 hectares (ha) e uma produção da ordem de 286.090 toneladas (t), envolvendo um total de 94.080 famílias. Em 2000/2001 plantaram-se 253.790 ha com uma produção total de 509.110 t, envolvendo um universo de 134.930 famílias. Em 2010/2011, a área plantada foi de 372.930 ha com uma produção total de 832.830 t e um número de famílias envolvidas da ordem de 186.810. Os valores apresentados permitem evidenciar incrementos na produção para os períodos analisados, em famílias produtoras, área cultivada e produção total.

O conjunto de dados colocados, seja em termos absolutos ou relativos, aponta inexoravelmente para o aumento e importância da fumicultura, com aumento nos índices de produtividade⁵. Isso comprova que o aumento de produção está diretamente relacionado ao investimento em tecnologia (estufas, sementes, fertilizantes etc.) que propiciaram a produção em maior quantidade, mas com qualidade superior àquela alcançada nos anos 80 do século passado.

Nos últimos 30 anos tem-se a expansão do cultivo de fumo em áreas do sul do Rio Grande do Sul, especificamente em Municípios como São Lourenço do Sul, Pelotas e Canguçu. No último Município, verifica-se a ampliação da produção em áreas pré-determinadas e localizadas fundamentalmente no 1º e 2º distritos, onde há o predomínio marcante das unidades familiares de produção.

Fruto da importante agricultura familiar existente no Município, pode-se dizer que Canguçu consolidou-se como um polo regional de produção de fumo. O quadro 3 demonstra a produção de fumo em Canguçu e municípios limítrofes para a safra 2009/2010 enfocando aspectos como número de produtores, estufas e área plantada (ha).

Quadro 3. Produção de fumo em Canguçu e Municípios limítrofes (2009/2010)

Município	Produtores	Estufas	Área plantada (ha)
Canguçu	5.013	6.036	9.321
Encruzilhada do Sul	215	272	532
Morro Redondo	48	54	105
Amaral Ferrador	859	1.216	1.923
Pelotas	2.006	2.557	4.009
Piratini	81	93	170
São Lourenço do Sul	3.708	4.892	7.894
Cerrito	13	15	28
Cristal	335	527	750

Fonte: elaboração própria a partir de dados da Afubra (2013).

⁵ A respeito do aumento de produtividade, Mazoyer e Roudart (2010, p.27) conferem importante destaque em relação à agricultura mundial: “Em pouco mais de meio século, a [diferença de] produtividade da agricultura menos produtiva do mundo, praticada exclusivamente com ferramentas manuais (enxada, pá, cajado, facão, faca ceifeira, foice...) e a agricultura mais bem equipada e produtiva do momento, realmente se acentuou: passou de 1 contra 10 no período de entre-guerras, de 1 para 2.000 no final do século XX”.

Os dados destacam a produção de fumo em Municípios do sul gaúcho que fazem divisa com Canguçu, quais sejam, a saber: a) Encruzilhada do Sul; b) Morro Redondo; c) Amaral Ferrador; d) Pelotas; e) Piratini; f) São Lourenço do Sul; g) Cerrito e h) Cristal.

Identifica-se a relevância que a fumicultura adquire nos Municípios destacados, em especial Canguçu, Pelotas, São Lourenço do Sul e Amaral Ferrador, que são os mais significativos. O número de 5.013 produtores em Canguçu, 3.708 em São Lourenço do Sul, 2.006 em Pelotas e 859 em Amaral Ferrador é uma demonstração clara da presença da agricultura familiar e sua adesão ao plantio do fumo. É um setor dinâmico, com ampla aplicação de capitais, para tal há uma gama de empresas que possuem produtores integrados em Canguçu.

O quadro 4 destaca as empresas com atuação em Canguçu e a assistência técnica fornecida na safra (2013-2014) como um dos pontos centrais que permite o desenvolvimento da atividade. A assistência técnica ao produtor é um dos fatores relevantes que permite a orientação dos tipos de variedades adequadas ao tipo de solo, condições climáticas, bem como as orientações sobre o tipo de produto requerido pelo mercado.

Quadro 4. **Assistência Técnica prestada pelas fumageiras em Canguçu (2013-2014)**

Nome fantasia	Número de Instrutores
Souza Cruz	7
Philips Morris International Brazil	2
Continental Tobaccos Alliance S/A Brazil (CTA)	1
Associated Tobacco Company (ATC)	1
Premium Tabacos do Brazil	2
Japan Tobacco International (JTI)	3
Universal Leaf Tabacos Ltda.	4
Indústria de Tabacos e Agropecuária (INTAB)	1
Alliance One Internantional	1
China – Brasil Tabacos Exportadora S/A	Não informado
Total	22

Fonte: elaboração própria a partir de dados da Afubra Canguçu (2014).

Os dados colocados mostram claramente a gama de empresas regionais, nacionais e internacionais com atuação no município de Canguçu, algumas com larga trajetória de atuação como a Souza Cruz e outras com atuação recente, como a China – Brasil Tabacos Exportadora. Dado chamativo é o fato de que a hoje multinacional Souza Cruz possui o maior número de instrutores (7) ao total, demonstrando a importância dessa companhia fumageira. A atuação das empresas desse ramo, com acompanhamento da produção em suas diferentes fases (plantio, colheita, cura etc.) e fornecimento de assistência técnica é fundamental para a qualidade do produto final.

Mesmo em um universo onde as técnicas de produção são similares, e a atuação das



empresas fumageiras tende a homogeneizar o setor, ainda assim, persistem situações que denotam enormes diferenças, especialmente quanto ao tipo de produtores envolvidos. Em princípio os produtores aparentam ter uma mesma dinâmica, todavia a experiência de campo nos levou a perceber exatamente o contrário. A existência de disparidades tecnológicas, experiência na atividade, bem como solução de continuidade nos levou a identificar distintos grupos de produtores. Isso implica que se diferenciem os produtores e suas realidades.

A questão propriamente dita de estabelecer uma tipificação *a priori* remete a que se conceituem os sistemas agrários, que podem ser entendidos da seguinte maneira: “A teoria dos sistemas agrários é um instrumento intelectual que permite apreender a complexidade de cada forma de agricultura e de perceber, em grandes linhas, as transformações históricas e a diferenciação geográfica das agriculturas humanas” (MAZOYER; ROUDART, 2010, p.71).

Mazoyer e Roudart (2010, p. 71) reportam o universo da agricultura e explicitam que:

[...] Pode-se observar que as formas de agricultura praticadas num dado momento variam de uma localidade a outra. E se estende longamente a observação num dado lugar, constata-se que as formas de agriculturas praticadas variam de uma época para outra.

As complexidades que envolvem a agricultura são enormes e novamente Mazoyer e Roudart (2010, p. 72) destacam que “[...] a agricultura se apresenta como um conjunto de formas locais, variáveis no espaço e no tempo, tão diversas quanto as próprias observações”.

Para compreender os diferentes tipos de produtores e estabelecer parâmetro de análise é imperioso que se observe a necessidade de elaborar um diagnóstico. Nas palavras de Garcia Filho (1997, p. 9), o diagnóstico deve dar conta:

Da complexidade e da diversidade que, em geral, caracterizam a atividade e o meio rural. [...] A complexidade reside também no fato de que essas sociedades são diferenciadas, isto é, são compostas de categorias, de camadas e de classes sociais que mantêm relações entre si [...].

É importante ter em conta a diversidade da agricultura:

[...] isso resulta na existência de distintos tipos de produtores, que se diferenciam tanto pelas suas condições socioeconômicas e por seus critérios de decisão quanto pelos seus sistemas de produção e pelas suas práticas agrícolas. Essa diversidade existe mesmo quando se considera a agricultura familiar ou um grupo de assentados, pois nem todos apresentam o mesmo nível de capitalização, a mesma forma de acesso a terra, aos recursos naturais, aos financiamentos e aos serviços públicos (GARCIA FILHO, 1997, p. 9).

Carneiro (2008), ao reportar-se à questão, diz que é válido lembrar Weber, quando ele nos ensina que os modelos classificatórios e as tipologias não se referem à realidade empírica imediata, mas que nem por isso deixam de ser construídos em conformidade com essa realidade, encontrando nas relações sociais a matéria-prima para essas construções abstratas. Nesses termos, o modelo não pode jamais ser reduzido a um conjunto de relações sociais (de trabalho, por exemplo) no contexto em que se expressam e na sua relação com a totalidade que os envolve, já que, em se tratando de sistemas, cada parte não pode ser isolada da outra.

Carneiro (2008) reflete que a abordagem e a interpretação da realidade pressupõem, portanto, a escolha de uma estruturação teórica que irá definir os princípios de articulação entre os componentes do sistema, ou seja, a maneira como abordaremos tal grupo, uma dada sociedade. Não há uma desestruturação mais verdadeira que outra, tratam-se de alternativas que irão orientar nosso olhar de maneira a enfatizar, ou a menosprezar, determinados aspectos da realidade. Para tal o seguinte subcapítulo irá dar conta da realidade presente, que visa a distinguir os tipos de produtores de fumo no 1º e 2º distritos do Município de Canguçu.

2.1. Os cinco tipos de produtores de fumo no 1º e 2º distritos do Município de Canguçu

Por suas particularidades, a fumicultura em Canguçu desenvolve-se no universo das unidades familiares de produção, onde teoricamente e aparentemente, por ser um recorte restrito de análise, deveria haver certa homogeneidade. Entretanto, as entrevistas junto aos produtores mostraram que mesmo em estratos restritos há enorme diversidade de histórias, possibilidades, realidades e, enfim, vivências.

A partir do critério espaço-temporal adotado, identificam-se na área de estudo cinco tipos de produtores, a saber: (i) com larga trajetória na atividade (antigos ou tradicionais); (ii) que ingressaram a partir dos anos 2000 (novos); (iii) reconvertidos, (iv) que não estão vinculados às empresas fumageiras; e, por fim, (v) orgânicos.

O primeiro tipo identificado são *os produtores com larga trajetória na atividade (antigos ou tradicionais)*, representados por aqueles que ingressaram na atividade antes dos anos 1990 e possuem larga trajetória e experiência no trato cultural, desde as primeiras técnicas desenvolvidas no chamado “fumo em corda” com transmissão de conhecimento ao longo das gerações. Nesse grupo é bastante comum os orientadores agrícolas buscarem informações sobre, por exemplo, determinadas pragas que aparecem nas lavouras de tabaco, época adequada de plantio, entre outras situações. Nos cursos de formação, não raro são esses



produtores que em conjunto com os instrutores têm a incumbência de socializarem o conhecimento adquirido ao longo de suas vidas no cultivo do tabaco.

Em muitos casos são os que possuem a estrutura de produção em melhores condições. Essas propriedades na maioria dos casos são levadas adiante por filhos, genros, enfim, agregados familiares. É nesse grupo que se encontram os melhores resultados, especialmente com índices de produtividade elevados, quando comparados aos outros grupos de produtores.

A fala do produtor revela e desvela uma tendência: “[...] o meu guri tá pensando em aumentar um pouco o fumo, esse ano vai dar um bom dinheiro”. Aqui claramente se revela a condição do preço praticado que tende a ser bom e claro um dos incentivos para que se produza mais. Segue a fala do produtor: “[...] a diferença entre quando eu iniciei e agora é muito grande. Tu vê que naquela época, se plantava de qualquer jeito, eles levavam o que tivesse e não pagavam quase nada, agora não, se não tiver qualidade tem indústria que não aceita fumo preto. Outra coisa essa estufa normal, o instrutor já me disse que não demora muito vai ser só as LL, quem não tiver essas moderna, não vão dá pedido, só não tão exigindo mais LL, porque não tem energia suficiente”.

As palavras de um produtor com muitos anos de experiência são indicativas, pois ele tem consciência de que é uma época diferente na produção de fumo, com outras exigências, além daquelas que vigiam, por exemplo, há vinte anos. Ao mencionar que as indústrias vão passar a exigir estufas modernas, mostra mais uma evidência de que os sistemas integrados são muito seletivos, pois a implantação de uma estufa modelo LL exige uma produção que esteja acima de 40 mil pés para se viabilizar economicamente e um investimento que supera os R\$ 25 mil na estufa – ainda se deve acrescentar os gastos com adequação na rede de energia elétrica da propriedade e na mão-de-obra especializada para instalação da estufa.

Como segue a diferenciação, outro grupo são *os produtores que ingressaram na atividade a partir dos anos 2000, ou novos produtores*, que é o mais heterogêneo e complexo de entender. Constitui-se em sua maioria por indivíduos que haviam migrado para as periferias urbanas de Canguçu e Pelotas, mas que, dadas as dificuldades de sobrevivência no meio urbano, retornaram ao campo. Dado o grau de especialização produtiva que o sistema integrado de produção implica, muitos desses produtores que haviam ingressado na atividade viram-se descapitalizados para fazer frente às necessidades de uma produção que exige intensos tratamentos culturais e especialização produtiva, sendo perceptíveis os insucessos de muitos que se dedicaram a essa atividade.

Em razão dos fracassos na fumicultura, embora continuem residindo no meio rural, passam a trabalhar na zona urbana do Município de Canguçu, especialmente na construção

civil. É comum, em alguns casos ao final do dia de trabalho, dedicarem-se ao cultivo de hortas e pomares ou ao cuidado de animais, especialmente vacas leiteiras, configurando-se em famílias pluriativas. Ainda nesse grupo existem aqueles que tiveram sucesso na atividade e puderam capitalizar-se e aumentar as áreas de produção e que se mostram dispostos a continuar na atividade, todavia ressalte-se que perfazem percentual pouco expressivo do universo compreendido.

O agricultor entrevistado na localidade do Passo dos Oliveiras agrega importantes elementos: “Eu morei muitos anos em Pelotas, mas voltei para o interior, tava ficando difícil lá [...]” e ainda complementa “[...] até agora eu tô até me saindo bem no fumo, eles têm me assessorado bem, isso eu não posso negar”. Outro dos dados significativos colocados pelo produtor podem ser entendidos nesta fala: “[...] agora tchê te digo, aqui teve muito produtor que deu com os burros na água, ficaram com dívida e mais dívida e vão tirá de onde? Fumo não é pra qualquer um”.

Embora sejam indivíduos com origens rurais, muitos desses produtores não tinham experiência no cultivo do tabaco, nem com as técnicas requeridas. Muito dos insucessos desse grupo está no fato de que adquiriram dívidas e não conseguiram a qualidade da produção requerida pelo mercado. A falta de qualidade do produto deve-se em grande parte ao fato desses produtores não dominarem as técnicas de cura e secagem do tabaco, que são fases cruciais do processo produtivo.

Por sua vez, o terceiro grupo se constitui daqueles *produtores reconvertidos*, aqueles que por diversas razões abandonam ou diminuem paulatinamente cultivos agrícolas como milho e produção de frutas para as indústrias conserveiras, deixam de produzir leite ou diminuem essa produção. Esse grupo adere a financiamentos públicos e investe na melhoria da infraestrutura da propriedade e em equipamentos de produção, dentre os quais se podem destacar as estufas LL e tratores.

É preciso ressaltar que nesse grupo há menores insucessos que no grupo anterior (produtores novos). Embora não tenham uma trajetória na atividade da fumicultura, contam com assistência técnica dos orientadores agrícolas, em muitos casos recorrem ao mutirão de mão-de-obra com vizinhos que já plantavam fumo e, além disso, são pessoas com longa trajetória no meio rural.

As visitas de campo revelam dados significativos e sintomáticos desse universo. Uma indicação dessa tendência pode ser verificada nas palavras de um produtor da localidade da Fávila: “[...] eu planto fumo, há poucos anos, meu pai sempre trabalho com esse negócio de pêssego”. A fala informal revela outros indícios: “[...] eles levam o pêssego e depois pagam



uns trocados, por isso eu desisti do pêssego, derrubei tudo, e queimei na estufa, agora planto praticamente só o fumo, se não ia vivê de que?”. Esta perspectiva oferecida pelo agricultor é pontual, mas significativa: “[...] o fumo é o que resta, se planto e colho eu faço um bom dinheiro, eu planto com a certeza de que vou vender”. A discussão segue e a contribuição do agricultor é relevante: “[...] se eu plantar pêssego, quem vai comprar? E quanto vão me pagar? Eu não quero mais saber, planto umas coisinhas pra comer e o resto planto fumo, se continuarem pagando bem, é a única alternativa”.

Fruto de toda a complexidade dos sistemas integrados de produção, identifica-se o quarto grupo de produtores representados por *aqueles que não possuem vínculo com as fumageiras*, sendo que na maioria dos casos são indivíduos que plantam pequenas áreas como uma forma de complemento da renda. Destinam a pequena produção que obtêm para atravessadores que abastecem a princípio indústrias locais. Ficam na maioria dos casos submetidos aos baixos valores praticados e sem garantia alguma de compra da produção. Ainda, pelo fato do produto ter baixa qualidade, dificilmente torna-se uma atividade lucrativa. Isso coloca em evidência que os produtores nessa modalidade dificilmente continuarão na atividade, demonstrando que sem a guarida das garantias da compra da produção, fornecimento dos insumos básicos à produção e assistência técnica, ou seja, vinculação ao sistema integrado de produção, dificilmente haverá êxito na atividade.

Esse grupo é bastante interessante, embora haja casos de produtores que produzem fumo há muitos anos e tiveram ligação com as indústrias fumageiras. Nos casos verificados, esse desligamento foi unilateralmente realizado pela empresa. São produtores que não conseguiram acompanhar a realidade do sistema integrado, fundamentalmente atender aos padrões de qualidade. A fala do produtor é significativa: “[...] plantei quase quarenta anos, com a Souza, depois passei para a JTI, mas ando meio desiludido, eles só exigem qualidade”. O tema é controverso, pois em anos de maiores problemas climáticos (chuvas em excesso, estiagens, ou ventos fortes etc.) é o produtor quem sai prejudicado ao não conseguir a qualidade exigida.

Segue a fala de outro dos produtores da localidade de Nova Gonçalves, 2º distrito do Município: “[...] eu estou parando com essa coisa de fumo, já tô ficando velho, os meus filhos já se foram para a cidade de Rio Grande, trabalha no tal de porto”. Os fragmentos da fala do produtor oferecem indícios de problemas que esse grupo tem ao longo da produção.

E, por fim, um grupo que é bastante novo para a realidade da fumicultura, que é o dos *produtores orgânicos*. Como menciona Guerra (2009, p. 193), a agricultura orgânica possui algumas características básicas, como segue: “[...] se propõe a criar um sistema baseado em

processos biológicos para a lavoura [...] e que proteja contra pestes e doenças. [...] a agricultura orgânica não utiliza defensivos agrícolas e nem fertilizantes artificiais”.

A pesquisa *in loco* possibilitou verificar que existe um valor de mercado 60% superior ao fumo convencional. A existência do fumo orgânico e o entusiasmo dos produtores com essa possibilidade têm sido chamativos. Se não, vejamos a entrevista realizada com um produtor da divisa da localidade do Pantanoso com Faxinal. Diz o produtor: “[...] eu nasci aqui, morei muitos ano em Rio Grande, quando voltei inventei plantá o fumo convencional, mas é muito veneno, não tem um passarinho num pé de fumo, só de chega perto, já cai morto”. De fato, o agricultor mostra uma das faces da produção convencional, onde são utilizados agrotóxicos em ampla escala.

Segue a fala do produtor: “[...] tô há dois anos no orgânico e se soubesse que pagavam tão bem, já tinha plantado há mais tempo, tu sabe que o orientador tá sempre aqui, me ajudando, vendo como tá saindo à produção. [...] Olha, tem vindo muito vizinho vê o orgânico, eu não nego tô me saindo bem, só em não tê veneno, eu já te digo é uma maravilha”.

Há desde produtores que estão estruturados e enxergam nessa produção uma possibilidade de ter uma melhor renda até aqueles que estão vinculados à produção orgânica por decisão e conhecimento da realidade. É preciso destacar que a produção de orgânicos na fumicultura é realizada a partir das diretrizes da empresa e um pacote tecnológico fornecido pelo grupo empresarial. A pesquisa *in loco* possibilitou verificar que existe um valor de mercado 60% superior ao fumo convencional. Como destaca Guerra (2009, p.193):

O controle de ervas daninhas, doenças e insetos é feito através de práticas agronômicas, que incluem o uso de rotação de culturas, cultivos adequados e seleção de lavouras resistentes a doenças e insetos. Os adubos de origem animal e vegetal são utilizados para ajudar a manter os níveis de matéria orgânica nos solos [...].

A proposta da produção orgânica é diferenciada, visa a atender a um mercado específico, especialmente na Alemanha, segundo as informações de um instrutor. Há um rigor muito grande de parte da indústria no controle dessa produção. A produção orgânica por excelência é destinada a um mercado consumidor reduzido, mas, ao mesmo tempo, poderá crescer muito nos próximos anos. A produção orgânica no fumo é algo novo, isso é uma verdade incontestável, pois somente nos últimos 10 anos abriu-se essa possibilidade.



Considerações finais

A pesquisa de campo revelou e apontou, a partir do entendimento dos agricultores, que as empresas fumageiras e o sistema integrado cumprem importante papel na dinamização da produção, especialmente as garantias de compra e os bons preços praticados. Isso coloca em evidência a existência de uma nova fase na realidade produtiva: embora possa haver exploração e seletividade das indústrias, é mais sutil e há uma necessidade premente que o produtor possua uma boa rentabilidade e disposição para produzir com qualidade.

A concorrência entre as próprias fumageiras acaba favorecendo os produtores, especialmente aqueles que já estão bem estruturados. Isso posto, identifica-se que tínhamos um modelo de integração até os anos 80 do século passado, onde a exploração ao produtor era uma marca registrada. Outro modelo passou a predominar ao longo dos últimos anos, o qual se caracteriza pela valorização do produtor de fumo, sendo que há uma maior disputa das empresas para fidelizar o integrado. Quando comparamos ao modelo de integração precária, que predominava nas indústrias conserveiras percebem-se enormes diferenças. Nesse contexto, foi natural a migração de produtores das conservas para a produção de fumo. Se nas indústrias conserveiras, por exemplo, não havia financiamento da produção nem contratos pré-estabelecidos de compra e venda da produção, com a produção de fumo é bastante diferente: existe uma estruturada e organizada cadeia produtiva. Essa cadeia produtiva e suas nuances são responsáveis pela expansão da produção fumageira em Canguçu.

A partir dessa expansão produtiva, ampliam-se sobremaneira as relações campo-cidade e suas articulações, onde os produtores passam a demandar novos serviços prestados no meio urbano e, por uma imposição da atividade, uma maior exigência de acesso aos serviços de crédito e financiamento. A interação cidade-campo altera-se e intensifica-se colocando novas dinâmicas à realidade local.

Por todo esse conjunto de particularidades o município de Canguçu passa a ser um polo de produção fumageira, com importante número de produtores e uma produção consolidada, em cuja área rural ocorre importantes modificações. Aqueles produtores que obtiveram sucesso na atividade acabaram por melhorar suas propriedades e a demandar novos serviços no meio urbano.

Com a valorização do fumo no mercado internacional e a qualidade da produção obtida abrem-se oportunidades únicas para a inserção da agricultura familiar e geração de empregos e renda nos meios rural e urbano. Dessa forma, se resolvidas as questões relativas à

infraestrutura em estradas vicinais e energia elétrica, tende a ampliar-se a produção de fumo e por consequência os desdobramentos desse processo.



Referências bibliográficas

- ABRAMOVAY, Ricardo. *Paradigmas do capitalismo agrário em questão*. São Paulo: Edusp, 2007.
- ALMEIDA, Joaquim Anecio. *Pesquisa em extensão rural: um manual de metodologia*. Brasília: MEC / ABEAS, 1989.
- ALVES, Adilson Francelino *et alli*. Impactos da agroindústria integradora na agricultura familiar do sudoeste do Paraná. In: ALVES, Adilson Francelino; FLÁVIO, Luiz Carlos; SANTOS, Roseli Alves dos (org.). *Espaço e território: interpretações e perspectivas do desenvolvimento*. Francisco Beltrão: Unioeste, 2005.
- ASSOCIAÇÃO DOS FUMICULTORES DO BRASIL. Disponível em: <<http://www.afubra.com.br>>. Acesso em: 15 jan. 2012.
- CARNEIRO, Maria José. Em que consiste o familiar da agricultura familiar? In: COSTA, Luiz Flávio Carvalho; FLEXOR, Georges; SANTOS, Raimundo (org.). *Mundo rural brasileiro: ensaios interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Mauad / Seropédica: EDUR, 2008.
- DESLAURIERS. Jean-Pierre; KÉRISIT, Michèle. O delineamento da pesquisa qualitativa. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lione-H.; LAPIERRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro P. (org.). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2008. p. 127-153.
- FONTOURA, Luiz Fernando Mazzini; VERDUM, Roberto. *Temáticas Rurais: do local ao regional*. Porto Alegre: UFRGS / Universidade Aberta do Brasil / Curso de Graduação Tecnológica - Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS, 2009.
- GARCIA FILHO, Danilo Prado. *Análise diagnóstico de sistemas agrários: guia metodológico*. Brasília: Inca / FAO, 1997.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Coordenação Cartográfica. *Dicionário de dados*. Categoria: localidade. [s.d.]. Disponível em: <ftp://geoftp.ibge.gov.br/mapeamento_sistematico/base_continua_ao_milionesimo/1_documentacao/dicionariodedados_lc.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2013.

KAUTSKY, Karl. *A questão agrária*. São Paulo: Proposta Editorial, 1980.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. São Paulo: Atlas, 1999.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. *Histórias das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea*. São Paulo: UNESP / Brasília: NEAD, 2010.

PIRES, Álvaro P. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H.; LAPIERRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro P. (org.). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2008. p. 154-211.

SACCO DOS ANJOS, Flávio; CALDAS, Nádia Velleda. A horta agonizante: mercantilização da agricultura e transformações nas práticas de autoconsumo entre famílias rurais do extremo sul gaúcho. *Pensamento Plural*, Pelotas, v. 5, p. 151-169, jul.-dez. 2009.

TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO. *Lei nº. 2.967*, de 01 de outubro de 2007. Institui o limite dos distritos municipais em Canguçu e dá outras providências. 2007. Disponível em: <http://portal.tce.rs.gov.br/aplicprod/f?p=50202:4:929110152714976::NO::P4_CD_LEGISLACAO:100178>. Acesso em: 21 nov. 2013.

